Nº563
De 17 a 31 de outubro de 2018
Ano 21

 (11) 9.4101-1917

PSTU Nacional | www.pstu.org.br | @pstu | Portal do PSTU | @pstu_oficial

3º TURNO

PREPARAR A LUTA CONTRA OS ATAQUES QUE VIRÃO

Vamos nos organizar para defender nossa aposentadoria, direitos trabalhistas e impedir a violência contra o povo negro, mulheres e LGBTs!

DITADURA NUNCA MAIS

Em defesa das liberdades democráticas

Vamos defender nosso direito de lutar, fazer greve e se organizar PÁGINAS 4, 8 E 9

INTERNACIONAL

Venezuela de Maduro é capitalismo puro

PÁGINA 11

MENTIR PARA REINAR

Fake News serve para dividir trabalhadores

PÁGINA 10

páginadois

CHARGE

Falou Besteira

> "Pena de morte perpétua, isso falta aqui no Brasil"

ALEXANDRE FROTA, ator pornô eleito deputado federal por São Paulo pelo PSL de Bolsonaro, discursando em "defesa da família" (9/10/2018, Twitter do ator pornô)

Videogame do ódio

Desenvolvido pela BS Studios, o jogo "Bolsomito 2K18" tem como protagonista Jair Bolsonaro (PSL). Lançado no dia 5 de outubro, dois dias antes do primeiro turno, o game coloca o presidenciável Bolsonaro em luta corporal contra grupos opositores. Entre os alvos, estão pessoas negras, população LGBT, eleitores do Partido dos Trabalhadores (PT), integrantes do MST e mulheres. No trailer, há inclusive uma cena que mostra o protagonista atropelando e matando seus adversários com um caminhão. O game dá mais pontos ao jogador que matar pessoas pertencentes a esses setores da população. O jogo é absolutamente repulsivo. Faz piada com violência contra grupos que já são alvo de preconceito e ataques e dissemina o discurso de ódio feito pela campanha de Bolsonaro. Por isso, o Ministério Público do Distrito Federal e Territórios (MPDFT) abriu, no último dia 10, um inquérito civil público para investigar os criadores do "Bolsomito 2K18". A loja Steam, que está distribuindo o game, também será investigada. Não será surpresa se encontrarem grana da própria campanha de Bolsonaro no desenvolvimento desse jogo.

A escravidão voltou

O ano de 2018 já superou todo o ano passado em número de trabalhadores encontrados pelo Ministério do Trabalho em situações análogas a de escravos, tanto no campo quanto na cidade. Segundo o MT, foram 340 ocorrências de trabalho escravo rural no ano passado contra 371 este ano. A maioria foi encontrada em fazendas de criação de bois. Também houve um aumento no trabalho escravo urbano. Em 2017, foram 265 casos frente a 834 este ano. Um dos casos ocorreu nos municípios de Vargem Grande e São Bernardo, no interior do Maranhão, entre 25 de setembro e 5 de outubro. Fiscais flagraram 22 trabalhadores em condições análogas à escravidão. Nesses municípios, operários foram encontrados dormindo em redes sob a obra de uma ponte em construção, dormindo junto a animais e perto de recipientes com combustível e fiação elétrica desprotegida. O crescimento do trabalho escravo tem relação direta com a aprovação da reforma trabalhista aprovada pelo Congresso, que suprimiu muitos direitos dos trabalhadores. Por isso, agradeça a Bolsonaro que, ao lado dos picaretas do Congresso, votou a favor dessa reforma. Ele também propõe no seu programa de governo retirar da Constituição uma regra que determina a desapropriação de propriedades nas quais seja encontrado trabalho escravo (página 32).

Expediente

Opinião Socialista é uma publicação quinzenal do Partido Socialista dos Trabalhadores Unificado.
CNPJ 73.282.907/0001-64 / Atividade Principal 91.92-8-00.

JORNALISTA RESPOSÁVEL Mariúcha Fontana (MTb14555)

REDAÇÃO Diego Cruz, Jeferson Choma, Luciana Candido

DIAGRAMAÇÃO Jorge Mendoza

IMPRESSÃO Gráfica Atlântica

CONTATO

FALE CONOSCO VIA

Fale direto com a gente e mande suas denúncias e sugestões de pauta

(11) 9.4101-1917

opiniao@pstu.org.br

Av. Nove de Julho, 925. Bela Vista - São Paulo (SP). CEP 01313-000

NOSSAS SEDES

NACIONAL
Av. 9 de Julho, N° 925
Bela Vista - São Paulo (SP)
CEP 01313-000 | Tel. (11) 5581-5776
www.pstu.org.br
www.litci.org
pstu@pstu.org.br

ALAGOAS
MACEIÓ | Tel. (82) 9.8827-8024

AMAPÁ
MACAPÁ | Av. Alexandre Ferreira da Silva, N° 2054. Novo Horizonte
Tel. (96) 9.9180-5870

AMAZONAS
MANAUS | R. Manicoré, N° 34. Cachoeirinha. CEP 69065-100
Tel. (92) 9.9114-8251

BAHIA
ALAGOINHAS | R. Dr. João Dantas, N° 21. Santa Terezinha
Tel. (75) 9.9130-7207

ITABUNA | Tel. (73) 9.9196-6522
(73) 9.8861-3033

SALVADOR | (71) 9.9133-7114
www.facebook.com/pstubahia

CEARÁ
FORTALEZA | Rua Juvenal Galeno, N°710, Benfica. Tel.: (85) 9772-4701

IGUATU | R. Ésio Amaral, N° 27. Jardim Iguatu. Tel. (88) 9.9713-0529

DISTRITO FEDERAL
BRASÍLIA | SCS Quadra 6, Bloco A, Ed. Carioca, sala 215, Asa Sul.
Tel. (61) 3226.1016 / (61) 9.8266-0255
(61) 9.9619-3323

ESPÍRITO SANTO
VITÓRIA | Tel. (27) 9.9876-3716
(27) 9.8158-3498
pstuvitoria@gmail.com

GOIÁS
GOIÂNIA | Tel. (62) 3278.2251
(62) 9.9977-7358

MARANHÃO
SÃO LUÍS | R. dos Prazeres, Nº 379. Centro
(98) 9.8847-4701

MATO GROSSO DO SUL
CAMPO GRANDE | R. Brasilândia, Nº 581 Bairro Tiradentes.
Tel. (67) 9.9989-2345 / (67) 9.9213-8528

TRÊS LAGOAS | R. Paranaíba, N° 2350. Primaveril
Tel. (67) 3521.5864 / (67) 9.9160-3028
(67) 9.8115-1395

MINAS GERAIS
BELO HORIZONTE | Av. Amazonas, Nº 491, sala 905. Centro.
CEP: 30180-001
Tel. (31) 3879-1817 / (31) 8482-6693
pstubh@gmail.com

CONGONHAS | R. Magalhães Pinto, N° 26A. Centro.
www.facebook.com/pstucongonhasmg

CONTAGEM | Av. Jose Faria da Rocha, N°5506. Eldorado
Tel: (31) 2559-0724 / (31) 98482.6693

ITAJUBÁ | R. Renó Junior, N° 88. Medicina.
Tel. (35) 9.8405-0010

JUIZ DE FORA | Av. Barão do Rio Branco, Nº 1310. Centro (ao lado do Hemominas)
Tel. (32) 9.8412-7554
pstu16juizdefora@gmail.com

MARIANA | R. Monsenhor Horta, N° 50A, Rosário.
www.facebook.com/pstu.mariana.mg

MONTE CARMELO | Av. Dona Clara, N° 238, Apto. 01, Sala 3. Centro.
Tel. (34) 9.9935-4265 / (34) 9227.5971

PATROCÍNIO| R. Quintiliano Alves, Nº 575. Centro.
Tel. (34) 3832-4436 / (34) 9.8806-3113

SÃO JOÃO DEL REI | R. Dr. Jorge Bolcherville, Nº 117 A. Matosinhos.
Tel. (32) 8849-4097
pstusjdr@yahoo.com.br

UBERABA | R. Tristão de Castro, N°127. Centro.
Tel. (34) 3312-5629 / (34) 9.9995-5499

UBERLÂNDIA | R. Prof. Benedito Marra da Fonseca, N° 558 (frente).
Luizote de Freitas.
Tel. (34) 3214.0858 / (34) 9.9294-4324

PARÁ
BELÉM | Travessa das Mercês, N°391, Bairro de São Bráz (entre Almirante Barroso e 25 de setembro).

PARAÍBA
JOÃO PESSOA | Av. Apolônio Nobrega, Nº 117. Castelo Branco
Tel. (83) 3243-6016

PARANÁ
CURITIBA | Tel. (44) 9.9828-7874
(41) 9.9823-7555
MARINGÁ | Tel. (41) 9.9951-1604

PERNAMBUCO
REFICE | R. do Sossego, N° 220, Térreo. Boa Vista. Tel: (81) 3039.2549

PIAUÍ
TERESINA | R. Desembargador Freitas, N° 1849. Centro. Tel: (86) 9976-1400
www. pstupiaui.blogspot.com

RIO DE JANEIRO
CAMPOS e MACAÉ |
Tel. (22) 9.8143-6171

DUQUE DE CAXIAS | Av. Brigadeiro Lima e Silva, Nº 2048, sala 404. Centro.
Tel. (21) 9.6942-7679

MADUREIRA | Tel. (21) 9.8260-8649

NITERÓI | Av. Amaral Peixoto, Nº 55, sala 1001. Centro. Tel. (21) 9.8249-9991

NOVA FRIBURGO | R. Guarani, Nº 62. Centro. Tel. (22) 9.9795-1616

NOVA IGUAÇU | R. Barros Júnior, Nº 546. Centro. Tel. (21) 9.6942-7679

RIO DE JANEIRO | R. da Lapa, Nº 155. Centro. Tel. (21) 2232.9458
riodejaneiro@pstu.org.br
www.rio.pstu.org.br

SÃO GONÇALO | R. Valdemar José Ribeiro, Nº107, casa 8. Alcântara.

VOLTA REDONDA | R. Neme Felipe, Nº 43, sala 202. Aterrado.
Tel. (24) 9.9816-8304

RIO GRANDE DO NORTE
MOSSORÓ | R. Dr. Amaury, N° 72. Alto de São Manuel. Tel. (84) 9-8809.4216

NATAL | R. Princesa Isabel, Nº 749. Cidade Alta. Tel. (84) 2020-1290
(84) 9.8783-3547 [Oi]
(84) 9.9801-7130 [Tim]

RIO GRANDE DO SUL
ALVORADA | Tel. (51) 9.9267-8817

CANOAS e VALE DOS SINOS |
Tel. (51) 9871-8965

GRAVATAÍ | Tel. (51) 9.8560-1842

PASSO FUNDO | Av. Presidente Vargas, N° 432, Sala 20 B. Tel. (54) 9.9993-7180
pstupassofundo16@gmail.com

PORTO ALEGRE | R. Luis Afonso, Nº 743. Cidade Baixa. Tel. (51) 9.9804-7207
pstugaucho.blogspot.com

SANTA CRUZ DO SUL| Tel. (51) 9.9807-1772

SANTA MARIA | (55) 9.9925-1917
pstusm@gmail.com

RONDÔNIA
PORTO-VELHO | Tel: (69) 4141-0033
Cel 699 9238-4576 (whats)
psturondonia@gmail.com

RORAIMA
BOA VISTA | Tel. (95) 9.9169-3557

SANTA CATARINA
BLUMENAU | Tel. (47) 9.8726-4586

CRICIÚMA | Tel. (48) 9.9614-8489

FLORIANÓPOLIS | R. Monsenhor Topp, N°17, 2° andar. Centro.
Tel: (48) 3225-6831 / (48) 9611-6073
florianopolispstu@gmail.com

JOINVILLE | Tel. (47) 9.9933-0393
pstu.joinville@gmail.com
www.facebook.com/pstujoinville

SÃO PAULO
ABC | R. Odeon, Nº 19. Centro (atrás do Term. Ferrazópolis). Tel. (11) 4317-4216
(11) 9.6733-9936

BAURU | R. 1º de Agosto, Nº 447, sala 503D. Centro. Tel. (14) 9.9107-1272

CAMPINAS | Av. Armando Mário Tozzi, N° 205. Jd. Metanopolis.
Tel. (19) 9.8270-1377
www.facebook.com/pstucampinas;
www.pstucampinas.org.br

DIADEMA | Rua Alvarenga Peixoto, 15 Jd. Marilene. Tel. (11)942129558
(11)967339936

GUARULHOS | Tel. (11) 9.7437-3871

MARÍLIA| Tel. (14) 9.8808-0372

OSASCO| Tel. (11) 9.9899-2131

SANTOS| R. Silva Jardim, Nº 343, sala 23. Vila Matias.
Tel. (13) 9.8188-8057 / (11) 9.6607-8117

SÃO CARLOS| (16) 3413-8698

SÃO PAULO (Centro)| Praça da Sé, N° 31. Centro. Tel. (11) 3313-5604

SÃO PAULO (Leste - São Miguel)| R. Henrique de Paula França, Nº 136. São Miguel Paulista

SÃO PAULO (Oeste - Lapa)| R. Alves Branco, N° 65. Tel. (11) 9.8688.7358

SÃO PAULO (Oeste - Brasilândia)|
R. Paulo Garcia Aquiline, N° 201.
Tel. (11) 9.5435-6515

SÃO PAULO (Sul - Capão Redondo)| R. Miguel Auza, N° 59. Tel: (11) 9.4041-2992

SÃO PAULO (Sul - Grajaú)| R. Louis Daquin, N° 32.

SÃO CARLOS| Tel. (16) 9.9712-7367

S. JOSÉ DO RIO PRETO| Tel. (16) 9.8152-9826

SÃO JOSÉ DOS CAMPOS| R. Romeu Carnevalli, Nº63, Piso 1. Bela Vista.
(12) 3941-2845 / pstusjc@uol.com.br

SERGIPE
ARACAJU| Travessa Santo Antonio, 226, Centro. CEP 49060-730. Tel. (79) 3251-3530 / (79) 9.9919-5038

As tarefas do próximo período na base dos trabalhadores

Os banqueiros, os grandes empresários e os ruralistas exigem que sejam desferidos grandes ataques contra nossos direitos pelo novo governo seja quem for eleito. O ataque vai começar pela reforma da Previdência.

O projeto Bolsonaro, além disso, vai atacar violentamente as liberdades democráticas e impor forte repressão aos setores oprimidos e às lutas dos trabalhadores. Muitos trabalhadores, porém, indignados, com razão, com o PT e com tudo que está aí, vão votar nele acreditando é honesto e que vai garantir segurança.

É preciso dialogar com esses trabalhadores, dizer que seremos oposição a qualquer um dos dois candidatos que sejam eleitos, pois todos vão atacar nossa aposentadoria e nossas condições de vida. Dizer que respeitamos suas posições e que têm toda razão de estarem indignados com os governos do PT. Nós também estamos. Fomos oposição aos governos do PT e, entre Aécio e Dilma, chamamos a votar nulo, da mesma forma que defendemos "fora todos eles" e "fora Temer".

Defendemos uma rebelião operária e popular como única maneira de mudar o país. Contudo, no segundo turno, é um tiro no pé votar em Bolsonaro. Além de também ter aliados corruptos e propor acabar como os nossos direitos, ele defende a repressão contra as lutas dos trabalhadores. Defende um projeto de ditadura que pode acabar com liberdade de opinião, de fazer oposição e de lutar. Precisamos derrotar qualquer um dos dois governos com luta, mas, nesse momento, é preciso votar contra Bolsonaro para que possamos ter liberdade para enfrentar Haddad. Por isso, no segundo turno, sem dar nenhum apoio ao PT, devemos votar 13 contra Bolsonaro.

Devemos dizer aos trabalhadores também que, independentemente da posição ou de que candidato cada um defenda, é preciso assumir um compromisso de união de todos no chão da fábrica ou no local de trabalho. Ganhe quem ganhar, estaremos unidos e preparados para a luta unificada em defesa da aposentadoria contra qualquer reforma da Previdência e ataque ao 13º, pela revogação da reforma trabalhista e da lei das terceirizações e em defesa das liberdades democráticas, do direito de greve, de livre manifestação, de organização e de fazer oposição aos governos. Em defesa do direito das mulheres, dos negros e das LGBTs de lutarem, apresentarem suas opiniões e se defenderem contra qualquer violência. Em ocupações, na periferia e na juventude deve formar-se comitês contra Bolsonaro.

A classe vai reagir contra os ataques que virão e precisa estar organizada pela base. É preciso propor uma frente única às organizações existentes e exigir que preparem a luta.

Opinião

Zé Maria, presidente nacional do PSTU

Frente única para lutar e enfrentar os ataques que virão

Os trabalhadores precisam se preparar para lutar contra o governo que sair das urnas, seja Bolsonaro, seja Haddad. Precisamos unir todos que querem lutar para defender seus direitos: os trabalhadores pela base, os sindicatos, as centrais sindicais, os movimentos populares, quilombolas, estudantes, movimentos de luta contra a opressão etc. A melhor forma de fazê-lo é construindo uma frente única em torno de um programa básico, unitário, composto da relação dos direitos que estão sob ameaça e das reivindicações da nossa classe. É preciso construir um plano de lutas em direção a uma greve geral, que coloque o povo nas ruas e impeça a concretização dos ataques que se avizinham.

Ao mesmo tempo, a frente única e um plano de lutas são o único caminho para reunir a classe trabalhadora não apenas na defesa de seus direitos, mas também para colocá-la em condições de enfrentar e derrotar, nas ruas, qualquer ataque ao seu direito de organização e de manifestação, a suas liberdades democráticas. Se Bolsonaro ganhar, o único obstáculo entre ele e a transformação do regime político do país numa ditadura será a luta da nossa classe. Só a luta da nossa classe pode derrotar os ataques que virão.

Da nossa parte, acreditamos que o programa da frente única deve ser básico e unitário: defesa da aposentadoria – contra a reforma da Previdência; emprego digno para todos; redução da jornada de trabalho sem redução salarial; defesa dos direitos dos trabalhadores; nenhum direito a menos; revogação da reforma trabalhista e da lei das terceirizações; aumento dos salários e das aposentadorias; aumento dos investimentos públicos em saúde, educação, moradia e transporte; contra as privatizações; em defesa do patrimônio público; em defesa das liberdades democráticas; em defesa do direito de organização, manifestação e expressão.

Sabemos que a avaliação que fazemos do processo político atual está longe de ser consensual. Dentro dos sindicatos e das centrais há múltiplas opiniões acerca do cenário político e diversas convicções ideológicas. Não vamos resolver essas diferenças na discussão entre nós. É o desenvolvimento da luta da nossa classe que poderá jogar luz sobre cada uma delas e apontar os melhores caminhos para avançarmos.

O que sim é nossa responsabilidade é colocar, neste momento, acima das nossas diferenças, a construção da unidade e da luta da nossa classe. Essa é a tarefa e a exigência que está colocada neste momento a todos os setores do movimento sindical, às organizações e aos movimentos populares, aos estudantes e aos movimentos de luta contra a opressão.

QUEM PAGA A CONTA É VOCÊ!

Ditadura é violência contra o trabalhador

JEFERSON CHOMA
DA REDAÇÃO

Recentemente, o presidente do Supremo Tribunal Federal, Dias Toffoli, resolveu reescrever a História e disse que prefere não usar o termo “golpe” para o golpe cívico-militar de 1964. Disse que houve um movimento de 1964: “*Eu não me refiro mais nem a golpe nem a revolução de 1964. Eu me refiro a movimento de 1964*”, disse. Poucos dias antes, Toffoli nomeou o general da reserva Fernando Azevedo e Silva para ser seu braço no Supremo. O nome do general foi sugerido pelo general Eduardo Villas Bôas, comandante do Exército. Silva foi um dos chefes militares que participou de um grupo formulador de propostas para a campanha de Bolsonaro, que é um defensor da ditadura militar e das torturas perpetradas pelos agentes da repressão. Especula-se que sua função será dizer ao presidente do STF o que o Supremo deve e o que não deve fazer.

O General Mourão, vice de Bolsonaro, e setores da cúpula militar vão compor um eventual governo Bolsonaro. Mourão inclusive já disse que, em caso de rebelião popular, eles podem dar um golpe, acabar com as liberdades democráticas e acabar com o direito de ter oposição e liberdade de opinião no país.

Tudo isso é muito grave e precisa ser repudiado por todos os trabalhadores. Uma ditadura significa o fim das liberdades democráticas, como o fim dos sindicatos livres, a censura à imprensa, o fechamento de jornais como o **Opinião**, a perseguição a todos os opositores e a licença à repressão para prender, torturar e matar o povo negro e pobre da periferia. Tudo isso seria realizado para impor pesados ataques contra os direitos dos trabalhadores para assegurar o lucro dos grandes capitalistas.

Os defensores da ditadura apostam na desinformação da população sobre os horrores praticados pela ditadura militar (1964-1985). Nossos vizinhos latino-americanos, como Argentina, Uruguai e Chile, também viveram sanguinárias ditaduras nos anos 1970. Tais regimes implodiram com a mobilização popular, e toda sujeira, corrupção e carnificina ficaram expostas para todo mundo ver. A maioria dos generais foi julgada e presa pelos seus crimes. O resultado é que as Forças Armadas desses países são profundamente desmoralizadas e mal vistas pela população.

Isso é muito diferente no Brasil. As elites, durante o processo de redemocratização, pactuaram a preservação das instituições militares concedendo anistia a generais e torturadores. Até hoje, os arquivos da ditadura não foram abertos e nenhum torturador ou assassino foi julgado ou preso. Toda corrupção da ditadura, decorrente das grandes obras faraônicas promovida pelos militares, foi para debaixo do tapete. Os governos do PT contribuíram para isso ao se recusarem a abrir os arquivos da ditadura. O resultado é que as Forças Armadas saíram intocadas em meio a tantos crimes e sangue. Por esse motivo, há tantas lendas e mentiras sobre aquele período, que analisaremos abaixo.

Zuleide, Luis Carlos e Ernesto - filhos de opositores fichados pela ditadura. Muitas crianças foram torturadas pela ditadura. Famílias da elite militar também roubou filhos de opositores ao regime.

Em desfile militar da época da ditadura, um homem aparecia sendo carregado em um pau-de-arara.

Índio sendo torturado em Mato Grosso

“NA DITADURA NÃO HAVIA CORRUPÇÃO”

VERDADE – A corrupção correu solta na ditadura e fez a festa das empreiteiras. A Odebrecht, por exemplo, em 1971, era a 19ª maior construtora do país. Dois anos depois, alcançava o terceiro lugar. Generais e construtoras ficaram milionários promovendo muitas obras faraônicas, como a Transamazônica, o Projeto Jari e a Hidroelétrica de Itaipu. O problema é que a corrupção não podia ser publicada nos jornais, pois havia censura no país. Quem ousasse desafiar os militares ia para o pau de arara.

“HAVIA CRESCIMENTO ECONÔMICO E EMPREGO”

MENTIRA!

VERDADE – Com muita repressão aos trabalhadores, a ditadura garantiu “paz social” e altas taxas de lucros, sobretudo às multinacionais. Os militares favoreceram as multinacionais, as montadoras de veículos, a remessa de lucros para o exterior e o endividamento externo com os grandes bancos estrangeiros. Esse foi um dos motivos do chamado “milagre econômico”. Isso, porém, também foi resultado de um crescimento da economia em todo mundo, e não só no Brasil. Quando houve uma crise do capitalismo mundial, o Brasil, com sua economia totalmente dependente, também mergulhou nela e amargou uma profunda recessão. Quando a ditadura acabou, em 1985, a inflação do país era de 200%; a dívida pública, equivalente a 30% do PIB; e a dívida externa estava 20 vezes maior do que em 1970.

“NA DITADURA NÃO HAVIA VIOLÊNCIA”

MENTIRA!

VERDADE – A ditadura militar era fundada num regime de total violência. Grupos de extermínio agiam livremente nos bairros pobres. Além disso, a repressão era implacável com todos que eram opositores do regime. A taxa de homicídios quintuplicou durante a ditadura. Em 1964, ano do golpe, a taxa era de três homicídios para cada 100 mil habitantes. Em 1985, ao fim da ditadura, era de 15 homicídios por 100 mil habitantes.

CADEIA

Abrir arquivos e punir criminosos

É preciso repudiar a presença dos militares na vida política do país. Mais do que nunca, é preciso abrir todos os arquivos da ditadura para escancarar todos os seus crimes e a sua covardia. Ditadura nunca mais! Ditadura é treva para o povo e os trabalhadores pobres. A solução para o Brasil é uma rebelião popular e socialista. Trabalhador e povo no poder!

AUTODEFESA POPULAR

Exercer o direito de se defender

RICARDO AYALA
DA REDAÇÃO

Seja qual for o resultado deste segundo turno, a luta dos trabalhadores para preservar seus direitos e suas poucas conquistas entrará numa nova fase. Se Bolsonaro ganhar, governará com um setor das Forças Armadas e com amplo apoio da alta hierarquia das polícias militares. Sua ida ao quartel do Batalhão de Operações Especiais (BOPE) do Rio de Janeiro é uma imagem de campanha que reflete profundamente suas intenções.

A violência utilizada pelo Estado brasileiro para manter a maioria da população à margem de qualquer direito já é uma realidade nos bairros da periferia dos grandes centros urbanos, algo que é denunciado por distintas organizações como uma política de extermínio da juventude negra.

No campo, a violência é produto da polarização social pelo avanço da concentração de terras de um modelo econômico agroexportador. Além do Estado, o latifúndio sempre utilizou bandos paramilitares para assassinar camponeses, quilombolas e trabalhadores rurais submetidos a semiescravidão. Contudo, agora tudo isso pode se converter em política de governo.

A esq.: Incêndio criminoso em um acampamento rural em Duartina (SP).

Acima: ameaça deixada sobre o carro de Waldemir Soares Jr. , advogado de ativistas que lutam pela terra

A POLÍTICA DE ASSASSINATOS NO CAMPO

Segundo a Comissão Pastoral da Terra (CPT), em 2015, 50 pessoas foram assassinadas em conflitos agrários. Em 2016, ocorreram 61 mortes, e em 2107, pelo menos 65 pessoas foram assassinadas em conflitos agrários. O Conselho Indigenista Missionário (CIMI) publica anualmente um relatório e vem destacando um aumento da violência relacionada aos conflitos por terras.

O roubo de terras e a violência praticados pela expansão da fronteira agrícola, assim como a aplicação da reforma trabalhista no campo, que impõe uma jornada de 60 horas de trabalho semanal, são parte da realidade cotidiana enfrentada por milhões de trabalhadores.

Não é por outro motivo que latifundiários foram os primeiros a embarcar na campanha de Bolsonaro. Tampouco Bolsonaro deixou dúvidas sobre a sua política para os quilombolas e a demarcação das terras indígenas, não somente em vídeos, mas no programa de sua candidatura.

Uma possível vitória de Bolsonaro não só tende a legalizar o roubo de terras para a expansão da fronteira agrícola, como também amplia a violência já utilizada pelos latifundiários e seus jagunços.

Assentamentos, área de acampados, reservas extrativistas, territórios indígenas e áreas dos quilombolas devem, desde já, preparar-se para a sua defesa. Seja qual for o resultado das urnas, a fração da classe dominante encarregada de manter e aumentar o Brasil como fornecedor de produtos agrícolas para aumentar seus lucros deve aumentar constantemente a fronteira agrícola e a exploração desenfreada. Ela se sente fortalecida pela votação de Bolsonaro e por uma possível eleição de seu representante mais legítimo.

NÃO ESPERAR

Autodefesa, um direito democrático

Os ataques contra ativistas entre o primeiro e o segundo turno, com o objetivo de polarizar ainda mais as eleições, feitos de forma covarde e para intimidar quem está contra Bolsonaro, são um sinal de que esses grupos e indivíduos podem sentir-se liberados para atuar amanhã. Não somente contra indivíduos isolados.

O segundo aspecto do tema está relacionado aos grupos de ultradireita e fascistas em torno da candidatura de Bolsonaro. Será o desenvolvimento da luta dos trabalhadores, sua capacidade de barrar os planos de reforma da Previdência e outros do futuro governo que colocará o problema de uma forma mais ampla. Ainda não sabemos em que medida esses setores passarão da propaganda para a ação contra os sindicatos e movimentos sociais.

Diante dessa possibilidade, não podemos ficar passivos. Devemos começar pela solidariedade imediata e uma ampla rede de apoio aos setores que hoje estão sendo alvos deste bando de assassinos. Devemos levar ao conhecimento de toda classe trabalhadora que nossos irmãos estão sendo assassinados no campo.

Não podemos ser indiferentes à morte de um sem-terra ou de um quilombola. A solidariedade ampla cria as condições para sua própria defesa caso seja necessário.

Por isso, cada sindicato deve votar nas suas bases a luta para manter todo o terreno conquistado, o direito de organização e de luta, divulgar amplamente as barbaridades ocorridas. Um caso é o assassinato de Aluísio Sampaio, dirigente do Sindicato de Trabalhadores e Trabalhadoras da Agricultura Familiar, barbaramente assassinado dentro de casa em 11 de outubro, em Castelo dos Sonhos (PA). Ou o caso de Moa do Katendê, mestre de capoeira assassinado em Salvador por um apoiador de Bolsonaro. Ou do ataque ocorrido no dia 7 de outubro no Acampamento Maria Petit, em Duartina (SP), quando os acampados haviam se deslocado até a cidade para votar e viram o acampamento em chamas ao retornarem.

REFORMA TRABALHISTA

Bolsonaro vai acabar com os nossos direitos

DA REDAÇÃO

Bolsonaro já disse que pretende privatizar mais de 150 estatais no primeiro ano de um eventual governo seu. Para isso, vai contar com a ajuda de Paulo Guedes, economista neoliberal e guru econômico de sua campanha. Trata-se de uma sinalização nítida aos capitalistas e ao imperialismo norte-americano, em especial ao presidente dos Estados Unidos, Donald Trump. A subordinação do candidato aos EUA já foi demonstrada em outubro do ano passado, quando Bolsonaro bateu continência à bandeira dos EUA e disse que "Trump serve de exemplo para mim". Naquela mesma visita, o candidato disse que "vai acabar com a Justiça trabalhista" no Brasil.

Em diversas ocasiões, Bolsonaro e seus apoiadores disseram que vão aplicar para valer a reforma trabalhista e acabar com os nossos direitos. Vejamos, a seguir, algumas medidas citadas por ele.

REFORMA TRABALHISTA

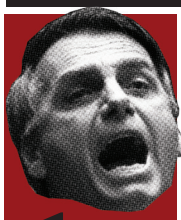
BOLSONARO DIZ:
"O trabalhador terá que escolher entre mais direitos e menos emprego."

Bolsonaro votou a favor da reforma Trabalhista. Para ele, os direitos trabalhistas são responsáveis pelo desemprego. A crise econômica mundial do capitalismo atingiu o Brasil com toda a força, afetando principalmente os trabalhadores pobres. Temer e o Congresso aproveitaram a crise para rebaixar salários e retirar direitos de forma mais permanente. Por isso, fizeram a reforma trabalhista, que tem um único objetivo: aumentar a exploração dos trabalhadores e, dessa forma, aumentar o lucro dos empresários. A reforma diminui o salário dos trabalhadores e aumenta a jornada de trabalho sem aumento de salário. Isso não garantiu emprego algum como diz Bolsonaro. Ao contrário, o desemprego registra uma das maiores taxas da história do país. Hoje, são 27 milhões se somarmos os desempregados, os subempregados e os que já desistiram de procurar emprego. Contando os jovens e outros setores que não conseguem entrar no mercado de trabalho, já são 66 milhões sem emprego formal.

13º SALÁRIO

O VICE DE BOLSONARO DIZ:
"Jabuticabas brasileiras. Décimo terceiro salário. Se a gente arrecada 12, como pagamos 13? É mochila nas costas dos empresários."

O general Mourão já disse que o plano é acabar com o 13° salário e com as férias remuneradas.

DUAS CARTEIRAS DE TRABALHO

BOLSONARO DIZ:
"Vamos criar a nova carteira de trabalho verde e amarela."

É para ampliar o trabalho precário que Bolsonaro propõe no seu programa a criação de uma carteira de trabalho verde e amarela, em alternativa à já conhecida carteira azul que atualmente regula as relações de trabalho e garante direitos. Segundo o programa de Bolsonaro, "todo jovem que ingresse no mercado de trabalho poderá escolher entre um vínculo empregatício baseado na carteira de trabalho tradicional (azul) – mantendo o ordenamento jurídico atual – ou uma carteira de trabalho verde e amarela (onde o contrato individual prevalece sobre a CLT, mantendo todos os direitos constitucionais)". Com tons supostamente nacionalistas, o candidato propõe o fim da CLT! Ou você acha que é o trabalhador que vai escolher entre uma carteira ou outra? Vai ser uma imposição da vontade do empregador que vai determinar a condição de contratação.

TRABALHO ESCRAVO

BOLSONARO DIZ:
"Tem gente do Ministério Público, do Judiciário, que entende que o trabalho análogo à escravidão também é escravo. Tem que botar um ponto final nisso."

A reforma trabalhista aumentou o trabalho escravo. Em 2018, fiscais do Ministério do Trabalho fizeram 371 ocorrências de situações análogas a de escravos, tanto no campo quanto na cidade. No ano passado, foram 340, mas Bolsonaro diz que não existe trabalho escravo no Brasil. Em seu programa de governo, propõe retirar da Constituição uma regra que determina a desapropriação de propriedades nas quais seja encontrado trabalho escravo (página 32).

PREVIDÊNCIA

BOLSONARO DIZ:
Seu plano de governo fala em "introduzir um regime de capitalização"

Essa proposta é semelhante à privatização da Previdência realizada no Chile, em 1981, pela ditadura de Pinochet. Lá, os trabalhadores das empresas privadas destinam 10% dos salários em contas individuais administradas por fundos de investimentos conhecidos como AFP (Administradores de Fundos de Pensão). Essas administradoras (grandes bancos, na verdade) investem o dinheiro dos trabalhadores e cobram uma comissão. Os patrões e o governo não entram com um centavo. Segundo o jornal New York Times, das seis AFPs que existem no Chile, três são estrangeiras. Todas movimentam um valor equivalente a 71% do PIB do país.

Nesse modelo, se o mercado de ações afunda ou os se investimentos vão mal, as aposentadorias dos trabalhadores também caem. Assim, a Previdência por capitalização de Bolsonaro vai transformar o trabalho de toda uma vida num instrumento do mercado.

O valor médio das aposentadorias pago pelas AFPs equivale a 34% da média salarial de um aposentado (24%, no caso das mulheres, e 48%, no dos homens). Os trabalhadores na informalidade, que são a maioria no Brasil, não se aposentariam mais e seriam jogados na mais completa indigência. Não por acaso, o povo chileno realiza grandes manifestações que exigem o fim da Previdência da era Pinochet.

O FENÔMENO BOLSONARO E O RISCO AUTORITÁRIO

As grandes batalhas ainda estão por vir

MARIÚCHA FONTANA
DE SÃO PAULO (SP)

Quando fechávamos esta edição, Jair Bolsonaro liderava as pesquisas do 2º turno das eleições presidenciais. No 1º turno, ele teve 33% dos votos dos 147 milhões de eleitores, e Haddad 21%. Do total de eleitores, 27,32% não votou em nenhum candidato.

O PSDB foi nocauteado. Passou de 54 deputados eleitos em 2014 para 29 agora. O MDB foi de 66 para 34 deputados. O PSL de Bolsonaro passou de 1 para 52 deputados. Só 240 deputados de um total de 513 se reelegeram.

A maior bancada eleita de deputados foi a do PT, apesar de cair dos 88, em 2010, para 69, em 2014, e, agora, 56. Resultado que, se comparado com as eleições municipais de 2016, significa uma recuperação parcial.

O crescimento de Haddad e do PT no 1º turno, porém, foi uma alavanca para o crescimento exponencial de Bolsonaro. Ele absorveu as tradicionais bases de classe média do PSDB e acabou capitalizando e tendo o voto útil de um amplíssimo setor da classe operária que rompeu com o PT. Sua votação é também expressão distorcida do sentimento de mudança, contra a corrupção e os políticos tradicionais.

OS RISCOS AUTORITÁRIOS DE BOLSONARO

A vitória de Bolsonaro levaria a um governo reacionário. Daria sinal livre para a repressão e a ação de setores, grupos e gangues fascistoides, milicianos e jagunços contra quilombolas, camponeses, indígenas e setores oprimidos. Significaria sinal verde para os aparelhos de repressão matarem ainda mais pobres, negros e exercerem o controle social.

Haveria, provavelmente, uma trégua e expectativa dos que o elegeram no início. Mas os planos de um governo Bolsonaro e os ataques que fará contra a classe não tardarão a levá-lo à impopularidade, a dificuldades e crises em relação aos diversos setores burgueses e à institucionalidade.

Bolsonaro pode ser comparado a outros fenômenos de extrema direita que existem pelo mundo. Surfa um sentimento antissistema numa situação de enorme polarização social e política e de profunda crise econômica e política e de divisão entre os de cima, descontentamento e mobilização nas classes médias e no proletariado. Se fosse apenas ele e seus filhos, apesar de seu discurso pró-tortura e ditadura, seria mais um populista de direita voltado à disputa eleitoral.

A principal particularidade do fenômeno Bolsonaro aqui no Brasil é que ele trouxe novamente as Forças Armadas para a política, para sua candidatura e a um futuro governo. Não é só seu vice, General Mourão. Os generais são um dos sustentáculos da sua candidatura. Estarão em ministérios chave e também no Judiciário e no Legislativo. Mourão já disse que, se necessário, pode dar um autogolpe. A partir do governo, dirigindo o aparelho de Estado, terão o caminho facilitado para aventuras golpistas.

Um governo reacionário como o de Bolsonaro vai buscar aumentar os traços autoritários do regime, não descartando que venha inclusive a alterá-lo qualitativamente. É por essa razão que o PSTU orienta a votar no 13 contra Bolsonaro, sem qualquer apoio político ao PT e se colocando de antemão na oposição.

LIÇÃO

A corresponsabilidade do PT pelo surgimento de Bolsonaro

A crise e o esgotamento do regime da Nova República são produto da crise capitalista econômica, social e política e do fracasso do projeto social-liberal e de administração do capitalismo pelos sucessivos governos do PT e de seu envolvimento com um tremendo processo de corrupção.

A falsa narrativa do golpe e a campanha "Lula Livre", voltadas para objetivos eleitorais e colocando obstáculos para a continuidade das lutas e da greve geral contra as reformas e contra Temer, possibilitou que o sentimento antissistema existente na base pudesse ser aproveitado por alternativas de direita como Bolsonaro.

Há uma ruptura da classe operária e dos setores populares com o PT. Na falta de uma alternativa de direção revolucionária de massas contra o PT, a direita pode surfar esse processo. Porém está muito longe de a classe ou os setores populares terem contraído matrimônio indissolúvel com Bolsonaro ou terem se tornado fascistas.

A classe operária e trabalhadora não está derrotada. Os principais embates ainda estão por vir e não serão eleitorais. Nesse sentido, um governo reacionário poderá estar se instalando preventivamente e talvez precipitadamente. Vai tentar derrotar de antemão as lutas, mas será também um governo de crise.

A tendência é que se intensifique a luta de classes, e o palco principal dessa luta serão as fábricas, os locais de moradia e estudo e as ruas. A burguesia necessita realizar duros ataques aos trabalhadores e precisa de mais repressão. No entanto, para instalar uma ditadura militar, terá de derrotar a classe na ação.

É fundamental a frente única e a unidade para lutar no próximo período e, nelas, a luta pela construção de uma alternativa de direção revolucionária e não o caminho de construção de uma frente eleitoral ampla com a burguesia com um programa capitalista visando 2022.

2º TURNO

Unir a classe trabalhadora con nossos direitos e liberdades de

Não apoiamos o PT. No 2º turno, votamos 13

DA REDAÇÃO

O resultado do 1º turno das eleições demonstrou a enorme insatisfação dos trabalhadores e da maioria do povo contra os políticos, contra o PT e contra tudo que está aí. A rejeição dos principais candidatos a presidente foi maior que os votos que tiveram. Ninguém aguenta mais tanto desemprego, miséria, violência e roubalheira.

Predominou um voto-castigo não só contra o PT, o maior responsável pela situação a que chegamos, mas todos os grandes partidos tradicionais, como o MDB, que viu diminuir pela metade sua bancada no Congresso Nacional, e o PSDB, que vive a maior crise da sua história.

No 2º turno, Fernando Haddad (PT) e Jair Bolsonaro (PSL) disputam a Presidência. Enquanto fechávamos esta edição, Bolsonaro aparecia na frente do candidato do PT nas pesquisas com uma diferença de 18 pontos.

O PSTU compartilha da indignação dos trabalhadores e do povo pobre contra o sistema político que beneficia os ricos, os empresários e os banqueiros. Qualquer um que ganhe essas eleições, Haddad ou Bolsonaro, vai governar para os mesmos de sempre. Vão aprofundar os cortes no Orçamento, atacar as nossas aposentadorias e investir contra nossos direitos trabalhistas.

É por isso que o PSTU já afirmou que será oposição a qualquer governo que seja eleito, PT ou Bolsonaro, pois eles continuarão governando para os ricos.

Nós, da classe trabalhadora, devemos nos preparar. A principal tarefa que está colocada para a classe é se organizar aqui embaixo para lutar contra qualquer tentativa de ataque à nossa aposentadoria. Tanto o PT quanto Bolsonaro já avisaram que, se eleitos, vão fazer a reforma da Previdência logo no primeiro semestre do ano que vem. Direitos trabalhistas também estão na mira, assim como os direitos dos setores mais oprimidos.

NÃO APOIAMOS O PT

Votar em Bolsonaro é dar um tiro no pé

Muitos trabalhadores, diante da traição do PT, enxergam em Bolsonaro uma alternativa contra tudo o que está aí. No entanto, assim como alertamos lá atrás em relação a Lula, temos a responsabilidade de dizer a verdade à classe trabalhadora. E a verdade é que Bolsonaro vai continuar governando para os ricos. Porém há um agravante: ele tem um projeto que ameaça não só nossos direitos, mas também as nossas liberdades democráticas.

Bolsonaro defende a ditadura militar que vigorou no Brasil a partir de 1964 e durou 21 anos. Uma ditadura que pôs fim à eleição direta para presidente, ao direito de greve e manifestação, à liberdade de expressão, de organização sindical e política. Para defender os interesses dos grandes empresários e dos bancos, a ditadura prendia, torturava e chegava a assassinar os que discordavam, os que ousavam fazer oposição. Assim, exploravam o povo, e o trabalhador não podia reclamar de nada. É isso que Bolsonaro e seu vice, General Mourão, dizem que vão fazer no país se for necessário.

O ex-capitão disse que vai "acabar com todo o ativismo" no país. Com isso, ele quer dizer que os trabalhadores ficarão sem sindicatos e impedidos de lutar e fazer greve. Que os indígenas não vão poder reclamar suas terras. Que os negros não vão poder lutar contra o racismo e a discriminação. Que as mulheres serão proibidas de lutar pelos seus direitos e por igualdade. Que seu governo vai partir para uma repressão dura contra as nossas lutas. Que os jagunços dos latifundiários, assassinos como os que mataram a vereadora do Rio, Marielle Franco, e seu motorista, e a própria Polícia Militar estão liberados para matar.

Paulo Guedes, Jair Bolsonaro e Gen. Hamilton Mourão

VAMOS VOTAR CONTRA BOLSONARO, SEM NENHUM APOIO A HADDAD

Muita gente está pensando em votar em Bolsonaro não porque concorde com as barbaridades que ele e seu vice falam e defendem, mas porque estão indignadas com os políticos e o PT e querem mudança. Muitos trabalhadores que votavam no PT se sentem traídos e estão com toda a razão. Dilma, em 2014, prometeu não retirar direitos, e a primeira coisa que fez quando reeleita foi atacar o seguro-desemprego e o PIS.

Bolsonaro, contudo, não vai fazer diferente. Já disse que vai manter boa parte da equipe de Temer. Está recebendo o apoio de corruptos como Carlos Marun e dos ratos que abandonaram o navio de Temer e do PT e agora procuram se manter num futuro governo Bolsonaro. Seu guru da economia, Paulo Guedes, já disse que vai entregar a sua aposentadoria aos banqueiros e privatizar o máximo que puder. Ele defende uma carteira de trabalho verde-amarela com nenhum direito. Já Haddad, se eleito, vai continuar seguindo a cartilha do PT de ataque aos trabalhadores, aliado aos corruptos, banqueiros e empreiteiros.

Mesmo assim, votar em Bolsonaro é dar vários tiros no nosso próprio pé. Primeiro, porque ele não vai ser diferente e vai aprofundar os ataques à classe. Segundo, porque Bolsonaro, diante da luta dos trabalhadores pela defesa dos direitos, não vai só nos reprimir: ele ameaça de colocar os militares nas ruas e impor uma ditadura, velada ou não, que impeça o trabalhador de lutar.

Não faz sentido facilitar o caminho para que Bolsonaro e seu vice possam vir a ter força para impor isso. Nenhum operário, nenhum trabalhador deve votar em Bolsonaro. É por isso que, no 2º turno, sem dar nenhum apoio ou confiança, vamos votar 13.

ntra qualquer ataque aos emocráticas

UNIR PARA LUTAR

Contra o racismo, o machismo, a LGBTfobia e a exploração

Não vamos aceitar o genocídio e o encarceramento em massa da nossa juventude pobre e negra das periferias. Não podemos tolerar o feminicídio e o altíssimo grau de violência que têm se abatido sobre as mulheres em nosso país ou que as mulheres trabalhadoras ganhem menos que os homens. Tampouco aceitamos que não tenham creches para deixar os filhos e que ainda tenham de ouvir que filhos criados por mães solteiras e avós são desajustados. Não podemos tolerar que os nordestinos sejam chamados de vagabundos e que as LGBTs sejam insultadas por Bolsonaro e pelos coordenadores da sua campanha.

A opressão é usada para dividir e enfraquecer a classe trabalhadora e a nossa luta. Precisamos enfrentar o racismo, o machismo, a LGBTfobia e a xenofobia e unir a classe trabalhadora contra a exploração e os ataques dos governos.

3º TURNO

Precisamos estar unidos na base e preparados para a luta desde já

Confiamos na capacidade de luta da classe trabalhadora e do povo pobre do nosso país. Fizemos, em 2017, a maior greve geral que o Brasil já viu, que foi responsável por impedir a reforma da Previdência. Se tivéssemos seguido por esse caminho, poderíamos ter impedido a reforma trabalhista de Temer e, inclusive, termos arrancado de lá esse vampiro. Infelizmente, a direção de partidos como o PT e o Solidariedade e a cúpula das grandes centrais sindicais, desarticularam e puxaram a luta para trás.

Isso não pode mais ser assim. Precisamos estar preparados desde já para lutar em defesa dos nossos direitos, seja qual for o candidato eleito. Precisamos estar prontos para enfrentar e derrotar Bolsonaro e qualquer tentativa de repressão e de autoritarismo nas ruas. As direções das centrais e do movimento precisam se colocar a tarefa de criar as condições para uma greve geral.

Nossa classe, quando está unida e organizada, é mais forte que todos eles. O 3º turno será decisivo e será nas ruas e na luta.

DITADURA NUNCA MAIS

O Brasil precisa de uma rebelião operária e popular

Lula foi eleito com grande expectativa da classe trabalhadora e do povo pobre, mas o PT traiu a classe ao escolher governar junto a banqueiros, fazendeiros e empreiteiros, ao lado dos mesmos corruptos de sempre. Misturou-se com a bandalheira do Congresso Nacional e hoje enfrenta a justa rejeição em grande parte da classe trabalhadora.

Agora, Bolsonaro vem e se coloca como alternativa a tudo isso, mas constrói um projeto autoritário de governo. Já vimos que a ditadura militar no Brasil também foi corrupta e, além de nos atacar, não admitia qualquer oposição, com assassinatos, torturas e ataques à nossa organização. Bolsonaro é fruto desse sistema, já está há 30 anos no Congresso e foi do mesmo partido de Maluf.

A verdade é que não temos saída para a nossa classe por dentro desse sistema falido e corrupto. Temos de enfrentar qualquer ataque e retrocesso às nossas liberdades democráticas, liberdade para nos organizarmos e lutarmos, mas não para defender essa democracia corrupta dos ricos que está aí, e sim uma verdadeira democracia, operária e popular. Precisamos fazer uma rebelião nesse país, construir um governo socialista dos trabalhadores, dos de baixo, para governar com conselhos populares, com democracia operária.

FAKE NEWS

A campanha de mentiras de Bolsonaro

Falam muita besteira, mas de bobo eles só têm a cara

ROMERITO PONTES
DA REDAÇÃO

As eleições de 2018 ainda não acabaram, mas uma coisa já é certa: essas foram as eleições das notícias falsas. Quem tem celular sabe disso. Fotos manipuladas, áudios mentirosos, informação fora de contexto, pesquisas e "especialistas" bem duvidosos e todo tipo de tentativa de manipular a realidade. Você provavelmente já recebeu várias delas, deu risada de algumas e pode ter acreditado em outras.

As notícias falsas, ou as *fake news* (termo em inglês), como têm sido chamadas, ao contrário do que parece, não são uma coisa nova. Em vários momentos de conflitos na história, como durante as guerras, elas foram usadas como arma pelos ricos e poderosos.

"Vi na internet, deve ser verdade": *Bolsonaro, com metralhadora e bazuca, montado em um dinossauro segurando a bandeira do Brasil.*

A brincadeira, no entanto, é a cara da campanha de Bolsonaro: um monte de mentiras para pintá-lo como salvador da pátria.

Ao contrário do que dizem alguns, essa enorme quantidade de notícias falsas não aparece porque agora o povo tem acesso às redes sociais, como o WhatsApp. Quem viveu os anos 1990 sabe que, mesmo antes da internet, muitas notícias falsas sobre o Chupa-cabra e o ET de Varginha circulavam pelo Brasil, inclusive na televisão aberta. Ou nos anos 2000, quando os Estados Unidos convenceram o mundo de que o Iraque possuía armas de destruição em massa. O país do Oriente Médio foi invadido, e essas armas nunca foram encontradas. Você provavelmente deve se lembrar de outra história bizarra ou boato que no final não deu em nada.

As notícias falsas não são também uma coisa só do Brasil. Elas foram muito usadas recentemente nas eleições de Trump, nos Estados Unidos, e de López Obrador, no México. Também foram muito usadas no plebiscito Brexit, que votou a saída do Reino Unido da União Europeia.

A FANTÁSTICA FÁBRICA DE MENTIRAS

Quem ganha com a mentira?

Não é por acaso que o Brasil vive uma enxurrada de notícias falsas justamente num momento de polarização social. Se temos tantas notícias falsas hoje é porque alguém está pagando por elas. Existem grandes empresas de marketing por trás disso e é possível que haja até inteligência militar. É o que sugere o pesquisador Piero Leirner sobre a campanha de Bolsonaro. Piero estuda há trinta anos as instituições militares e diz que o que Bolsonaro faz Brasil é parecido com o que foi feito nas recentes revoluções dos países árabes.

A ESTRATÉGIA DE JAIR

Bolsonaro fugiu de todos os debates até agora e evita dar entrevistas para os jornais. Ele também se recusou a assinar um acordo contra notícias falsas, proposto pelo outro candidato. Uma boa parte dos grupos de WhatsApp em apoio a Bolsonaro são controlados a partir de outros países, como Portugal e Estados Unidos. E quando Bolsonaro diz uma coisa, seu vice General Mourão diz outra, e Paulo Guedes, seu guru, diz uma terceira.

Kit Gay: *uma das grandes mentiras de Bolsonaro. Enquanto fechávamos essa edição, o TSE determinou que o candidato apagasse todas as postagens relacionadas ao tema.*

A estratégia de Bolsonaro é simples: criar confusão e desconfiança. É o famoso "dividir para governar". É por isso que mesmo ficando em primeiro lugar ainda diz que não dá para confiar nas urnas eletrônicas. É para criar desconfiança. No final, cada um só acredita em si mesmo.

Fugindo dos debates e aparecendo apenas pelas redes sociais, Bolsonaro evita críticas e ainda aparece como salvador da pátria diante de uma confusão que ele mesmo ajuda a criar com notícias falsas. É assim que a campanha de Bolsonaro tira vantagem das mentiras que ela mesma inventa.

QUEM PERDE COM A MENTIRA?

Se Bolsonaro ganha com a mentira, quem perde somos nós. É como durante uma greve, quando a patronal inventa boatos para criar desconfiança entre os trabalhadores para derrotar o movimento.

Aproveitando-se da crise econômica e da polarização social, Bolsonaro divide ainda mais a classe operária. Com a classe operária dividida, é mais difícil resistir aos ataques e mais fácil retirar direitos como 13º e férias remuneradas. Na verdade, Bolsonaro se prepara para aplicar a reforma da Previdência e o ajuste fiscal, jogando a conta da crise nas nossas costas.

IMPRENSA OPERÁRIA

Nem Messias nem patrão

Se uns preferem ficar com suas mentiras compartilhadas por WhatsApp, isso não significa que a grande imprensa seja a voz da verdade. A burguesia também usa seus jornais para defender seus interesses. É por isso que o Jornal Nacional, por exemplo, diz que existe um rombo na Previdência. É porque seus donos defendem e ganham com a reforma.

Para derrotar Jair e suas mentiras e também os patrões, os ricos e os poderosos, os trabalhadores devem confiar apenas nas suas próprias forças. É isso que nós, do PSTU, defendemos. E é por isso que há mais de vinte anos publicamos o Opinião Socialista. A imprensa operária é a arma na mão do trabalhador contra as mentiras do patrão.

100% CAPITALISTA

Venezuela socialista é fake news

Uma das mentiras mais espalhadas nos últimos 20 anos é que a Venezuela é socialista. Essa mentira não é de autoria de capitalistas que perderam suas propriedades no país, mas do próprio Hugo Chávez, que governou a Venezuela de 1999 a 2013, e que o atual presidente Nicolás Maduro repete como papagaio.

MARCOS MARGARIDO
DE CAMPINAS (SP)

Os inimigos dos trabalhadores se aproveitam dessa mentira igualando a ditadura reinante na Venezuela ao socialismo. Um desses é Bolsonaro, que ameaçou invadir a Venezuela para restaurar a paz.

A Venezuela é um país capitalista e, além disso, é uma ditadura, muito parecida com aquilo que Bolsonaro e General Mourão ameaçam implantar no Brasil. Num Estado capitalista, existe a propriedade privada dos grandes meios de produção e a exploração dos trabalhadores pelos proprietários, donos de indústrias, terras, bancos e do grande comércio.

As fanfarronices de Chávez no passado e de Maduro hoje não conseguem esconder que é isso o que ocorre na Venezuela. Quem governou e teve o controle das instituições desde 1999, incluindo da PDVSA, a petrolífera estatal do país, foram Chávez, Maduro e um novo setor de capitalistas conhecido como a boliburguesia. Esse setor foi formado por capitalistas que se passaram para o lado de Chávez e pelos generais e coronéis da Guarda Nacional, que estão hoje entre os homens mais ricos do país. O governo entrega negócios legais e ilegais a eles para que enriqueçam em troca de defenderem o governo dos ataques furiosos da velha burguesia tradicional, reunida na Mesa da Unidade Democrática (MUD).

A MUD faz oposição ao governo de Maduro não porque ele seja socialista, mas porque ela foi retirada do poder e do lucro fácil que conseguia com a pilhagem da riqueza do petróleo controlado pela PDVSA.

OS CAPITALISTAS NÃO FORAM EXPROPRIADOS

Tampouco Chávez expropriou os capitalistas para colocar os recursos materiais nas mãos dos trabalhadores. Ao contrário, comprou as ações de empresas em dificuldades com dinheiro da venda do petróleo para salvar os capitalistas da falência, enchendo seus bolsos de dinheiro. Eles nunca reclamaram dessas compras, pois fizeram um ótimo negócio.

Além disso, tanto Chávez quanto Maduro pagam a dívida externa pontualmente, agradando os bancos internacionais e o próprio imperialismo norte-americano que o governo tanto denuncia.

Os trabalhadores continuam sendo explorados, recebem baixos salários, são demitidos, são proibidos de elegerem os dirigentes sindicais e quando protestam, como na atual crise econômica que assola o país, são presos e muitos são assassinados por bandos paramilitares a mando do governo.

O QUE É

Venezuela é uma ditadura capitalista

Se Maduro quisesse tirar o país da crise, acabar com a hiperinflação de 200.000% nos últimos doze meses (isso mesmo, duzentos mil!) e acabar com o desemprego e os baixos salários, ele teria de enfrentar os capitalistas e os generais do exército que enriquecem com essa situação. Teria de se apoiar nas lutas dos trabalhadores para expropriar – de verdade – toda a burguesia e aí sim dar um passo em direção ao socialismo.

O que faz é o contrário. Governa apoiado no exército, suprime toda democracia, fecha o Congresso, escolhe a dedo juízes para a Suprema Corte, faz eleições fraudulentas, coloca opositores na cadeia e, acima de tudo, reprime todas as manifestações dos trabalhadores e do povo pobre que não têm o que comer.

A isso damos o nome de ditadura. Nesse caso, Maduro deu um autogolpe, pois foi ele, como presidente eleito, que acabou com as liberdades democráticas do país e se transformou em ditador.

TODOS MENTEM PARA VOCÊ

Maduro, Bolsonaro e o PT

Há muito mais semelhanças entre o governo de Maduro e as ameaças de Bolsonaro. Ambos são defensores do sistema capitalista. Chávez salvou os capitalistas da Venezuela nos anos 1990. O objetivo de Bolsonaro é salvar os capitalistas daqui da atual crise.

Para conseguir isso, ele promete nomear um monte de generais para o Ministério, indicar dezenas de juízes que rezem de acordo com a cartilha dele para o STJ e o STF. Mourão promete dar, se necessário, um autogolpe. É isso que Maduro está fazendo. Deu um autogolpe, indicou juízes que o apoiam e governa apoiado nos militares da Guarda Nacional.

O PT, no entanto, apoia Maduro. Como esse partido pode fazer uma crítica consequente a Bolsonaro se ele apoia um governo ditatorial? Por isso, o PSTU é oposição a Maduro e defende sua derrubada pelos trabalhadores. Essa é a única forma de mostrar aos trabalhadores que a luta pelo socialismo não admite o apoio a um governo capitalista.

MARX 200 ANOS

Marx e a luta contra as opressões

GUSTAVO MACHADO,
DE BELO HORIZONTE (MG)

Muitos ativistas acreditam que a luta contra as opressões é um fenômeno relativamente novo. Mais ainda, acreditam que as organizações marxistas nunca deram muita bola para isso. Afinal, para um marxista, o que importaria seriam as classes sociais, e todo o resto seria secundário, exceto nos últimos anos, quando se tornou inevitável abordar questões como opressão de gênero, de raça, de orientação sexual dentre outras pela amplitude dos movimentos em torno desses temas.

No entanto, essa forma de compreender o desenvolvimento histórico do marxismo e a luta contra as opressões é falsa do começo ao fim. Mais uma vez, essa compreensão foi produto da contrarrevolução stalinista. Isso tem sua razão de ser.

A Rússia homofóbica e machista de Putin: um legado perverso do Stalinismo.

STALINISMO E OPRESSÃO NA URSS

A Rússia englobava dezenas de nacionalidades oprimidas por Moscou há séculos. Ucranianos, georgianos, chechenos, poloneses dentre outros formavam nacionalidades oprimidas política, econômica e socialmente pelos russos. Com a vitória do stalinismo, o abandono da revolução internacional e a teoria do socialismo num só país, passou a interessar à União Soviética o mesmo regime de opressão existente antes da revolução. Sob o controle de Stalin, o governo soviético abandonou as lutas contra as opressões e atribuiu a Marx uma teoria que nunca existiu em seu pensamento. Nessa teoria, tudo seria deduzido das classes sociais. As classes sociais explicariam tudo. Mas não somente isso: tudo que não se referisse à noção de classe social seria reacionário e fragmentaria a luta pelo socialismo e sua libertação. Com essa teoria, a opressão das diversas nacionalidades no interior da URSS poderia ser justificada e a luta contra essas opressões consideradas reacionárias.

Daí o fato de grande parte dos movimentos contra as opressões ter se desenvolvido, desde então, de forma separada do marxismo e, muitas vezes, contra ele. Isso gerou um problema oposto. A maioria das teorias sobre as opressões foram tomadas em termos subjetivos, isto é, como se fossem meros preconceitos culturais e de identidades. Sem relacionar cada opressão com a forma de sociedade dentro da qual se desenvolve, o capitalismo conseguiu domesticar tais lutas em seu interior. Pior ainda, ao fazê-lo, impediu que fossem levadas até as últimas consequências.

A VISÃO DE MARX

Combater toda opressão que divide os trabalhadores

Acontece que na concepção de Marx a questão das opressões jamais foi tomada ao modo stalinista. De fato, a unidade da classe trabalhadora para a luta contra o capital é o nó central da teoria de Marx. Somente a classe trabalhadora organizada pode destruir o capitalismo. Isso é assim porque essa mesma classe trabalhadora é a responsável por colocar todo o sistema de pé. Unir a classe trabalhadora é o objetivo, o resultado que procura toda organização revolucionária. Mas a questão central é justamente como unir a classe trabalhadora? Ora, evidentemente é impossível unir uma classe social sem combater todo tipo de opressão que a fragmenta e joga os estratos da classe um contra o outro.

Por esse motivo, Marx foi, ainda em meados do século 19, porta de frente na luta contra as opressões. Em O Capital, dedica dezenas de páginas à opressão do trabalho das mulheres dentro da fábrica. Na guerra civil norte-americana, Marx intervém diretamente em favor do Norte, setor que se opunha à escravidão que dividia irremediavelmente os trabalhadores brancos e negros no interior dos Estados Unidos. Provavelmente a elaboração de Marx quanto às opressões que ficou mais clara foi sua defesa da independência da Irlanda em relação à Inglaterra no interior da Associação Internacional dos Trabalhadores (AIT).

A LUTA PELA INDEPENDÊNCIA DA IRLANDA

No século 19, a Irlanda era um país colonizado pela Inglaterra. Suas terras serviam de pastos para fornecer carne e lã para a indústria inglesa a preços baixos. Sua indústria foi destruída. Sem recursos e faminta, a população irlandesa emigrava em massa para os EUA e para a própria Inglaterra. Nesses países, sofria todo tipo de opressão imaginável. Eram considerados uma raça preguiçosa, propensa à criminalidade dentre muitas outras coisas.

Pois bem, Marx não apenas assumiu a defesa da independência da Irlanda diante da dominação Inglesa, como procurou mostrar como tal opressão se entrelaçava por todos os poros com a dominação de uma classe sobre a outra. Esse tema foi o aspecto central da intervenção de Marx na AIT. Dedicou-se a ele com tal paixão que o restante de sua família se envolveu com essa luta. A filha mais velha de Marx,

Jenny Marx, dedicou, também, uma série de artigos à questão irlandesa. Vejamos, então, como Marx considerou a questão.

Em primeiro lugar, seria mais fácil mobilizar os trabalhadores irlandeses, já que na Irlanda não se trata apenas de uma *"questão econômica, mas, ao mesmo tempo, uma questão nacional"*. A opressão nacional de um país sobre o outro se une à exploração econômica de uma classe sobre a outra. Por isso, na Irlanda, os proprietários ingleses são *"os opressores da nacionalidade, odiados até a morte"*. Como se vê, a agitação pela independência de uma nação pode, nesse caso, ser combinada com exploração econômica, potencializando uma a outra.

PRECONCEITO: DIVIDIR PARA REINAR

Além disso, Marx explica que, ao jogar os trabalhadores irlandeses para a emigração, inclusive na Inglaterra, a Irlanda fornecia continuamente um grande número de trabalhadores para o *"mercado de trabalho inglês, reduzindo, assim, os salários e deteriorando a situação material e moral da classe trabalhadora inglesa"*. Assim, a opressão da Irlanda não prejudicava apenas os trabalhadores irlandeses, mas também os trabalhadores ingleses, fazendo baixar a média salarial geral. A opressão nacional e, nesse caso, também racial, tornava-se uma ferramenta que permitia ao conjunto da classe dominante melhor explorar os trabalhadores, tanto ingleses quanto irlandeses.

Apesar da distorção stalinista, o tema das opressões era recorrente nas propagandas soviéticas.

Acima: *"Pela solidariedade com as mulheres de todo o mundo"(1973)*

À esq.: *"Trabalhadores de todos os países e colônias oprimidas, levantem a bandeira de Lênin"(1932)*

O terceiro e, segundo Marx, o mais importante de todos os fatores é o seguinte: todos *"os centros industriais e comerciais da Inglaterra possuem agora uma classe operária que está dividida em dois bandos inimigos: proletários ingleses e proletários irlandeses"*. Afinal, o *"operário inglês odeia o irlandês como um concorrente que faz baixar os salários e o nível de vida"*. Não sem razão, tem *"por ele antipatias nacionais e religiosas. Considera-o quase com os mesmos olhos com que os brancos pobres dos estados do Sul da América do Norte consideravam os escravos negros"*.

E não é só isso. Os operários ingleses se sentem, diante do irlandês, membros da nação dominante. Por isso, *"se transformam em instrumento de seus capitalistas contra a Irlanda"*. Ora, ao dividir a classe operária em operários ingleses, de um lado, e operários irlandeses, de outro, o fogo revolucionário de ambos estratos da classe não se ligam. Ao contrário, em todos os grandes centros industriais da Inglaterra temos um profundo antagonismo entre o proletário irlandês e inglês. Essa divisão, por sua vez, leva a outros tipos de preconceitos, como os religiosos, já que a Irlanda é um país católico e a Inglaterra protestante.

Como se nota, os preconceitos nacionais e religiosos possuem uma base social e objetiva. A desigualdade real entre operários ingleses e irlandeses dentro da Inglaterra alimenta todo tipo de preconceito religioso, cultural e assim por diante. Por isso, a *"burguesia alimenta e conserva artificialmente este antagonismo entre os trabalhadores mesmo dentro da Inglaterra. Sabe que nesta divisão do proletariado reside o autêntico segredo da manutenção de seu poder"*.

Como podemos ver, a defesa da independência da Irlanda não é considerada por Marx uma reivindicação nacionalista separada das classes sociais. Tampouco existe a ideia de que partindo das classes sociais toda opressão pode ser explicada. Na definição de Marx, apenas com a libertação irlandesa seria possível quebrar as barreiras que impediam a unidade da classe trabalhadora no interior da própria Inglaterra.

COMBATER TODAS AS FORMAS DE OPRESSÃO

Unir a classe trabalhadora para derrotar o capitalismo

A unidade da classe para enfrentar o capitalismo é o principal objetivo de Marx. Porém são palavras vazias se não levarmos em conta todos os fatores nacionais, raciais, de gênero ou de orientação sexual que atuam como barreiras que impedem essa unidade de acontecer. Assim, não é questão de eleger qual fator é primário ou secundário. Individualmente, muitas opressões são com certeza mais repulsivas do que a exploração econômica, mas não se trata de uma questão moral. Para Marx, a questão é vincular cada aspecto particular à necessidade de organizar a classe para enfrentar o capitalismo. Se uma organização marxista não conseguir fazer isso, suas palavras de ordem não encontrarão qualquer eco.

Não sem razão, seguindo os ensinamentos de Marx, a luta contra a opressão nacional teve um papel central na Revolução Russa em 1917. Vinculando tal opressão com a necessidade de unir a classe trabalhadora para derrotar o capitalismo, milhões de integrantes de nacionalidades oprimidas aderiram aos bolcheviques e ao programa da classe trabalhadora contra o programa nacionalista de suas burguesias nacionais.

Como se vê, no bicentenário do nascimento de Marx, uma das questões centrais colocadas para uma organização revolucionária é resgatar seu pensamento, sepultado por mais de meio século de controle stalinista sobre o movimento operário. Com a queda do Muro de Berlim e a derrota do stalinismo, estamos diante de uma oportunidade única. Tratemos de aproveitá-la.

Acabou, mas tem mais!

Este é o último artigo da série Marx 200 anos, mas você pode ler todos os artigos no blog Teoria e Revolução. A partir da próxima edição, o Opinião publicará uma nova série voltada às lutas e revoluções realizadas pelo povo brasileiro até o início do século 20. Não perca!

WWW.TEORIAEREVOLUCAO.PSTU.ORG.BR

ARGENTINA

Liberdade para Daniel Ruiz

DA REDAÇÃO

Há mais de um mês, Daniel Ruiz, liderança sindical petroleira argentina, foi preso pela Justiça daquele país. Seu crime foi ter participado da jornada de lutas contra a reforma da Previdência do governo Mauricio Macri, em 18 de dezembro de 2017.

Daniel é um preso político. Sua detenção tem por objetivo servir de exemplo para todos aqueles que ousam lutar contra o governo Macri e seu plano de ataque contra os trabalhadores. Essa é a mesma razão pela qual eles perseguem o ativista Sebastián Romero, entre outros lutadores.

"Minha detenção responde a um único objetivo: criminalizar as lutas sociais, que os trabalhadores vivam com medo", escreveu Daniel Ruiz em carta da prisão.

"Eles pensaram que me manter como refém iria intimidar os trabalhadores. Quão errados eles estão! Por se tratar de um governo de empresários, administradores de empresas e gerentes subestimam o operário. (...) Como eles subestimam o povo! Continuamos de pé, e essas ações me deram mais força para continuar nossa luta contra a fome em todos os lares", continua a carta.

O juiz designado para o caso, Sergio Torres, tem rejeitado sistematicamente os pedidos de libertação de Daniel. Na verdade, o juiz está perseguindo os trabalhadores que saíram às ruas para enfrentar Macri. Por isso, persegue Romero e também aprisionou outros ativistas.

É preciso defender esses lutadores, exigir o fim da perseguição e a libertação de todos eles. Da prisão, Daniel manda o seu recado: *"Se continua esse capitalismo selvagem, devemos construir nosso socialismo internacional. Da minha cela, eu só tenho gratidão por tantas expressões de apoio e solidariedade, tanto do meu bairro, escola, cidade, quanto do país e do mundo."*

MANDE SEU APOIO

Mande sua manifestação de solidariedade e um pedido de liberdade para Daniel Ruiz enviando e-mails para Tribunal Federal Nº 12, ao juiz federal Sergio Torres.

JNCRIMCORRFED12@PJN.GOV.AR
com cópia para
LIBERTADADANIELRUIZ@GMAIL.COM

CULTURA

Roger Waters não foge à luta

LUCIANA CANDIDO
DA REDAÇÃO

As eleições brasileiras estão produzindo situações que desafiam a realidade. Uma delas foi a reação do público no show de abertura da turnê "Us + Them" (Nós + eles), do ex-Pink Floyd Roger Waters, em São Paulo, no dia 9 de outubro. O músico exibiu o nome de Jair Bolsonaro na lista "Neofascismo está em ascensão", com nomes de líderes mundiais autoritários. Também projetou a hashtag #ELENÃO em dois momentos.

Parte do público, que tinha acabado de ouvir o protesto de Waters contra Trump e outros políticos autoritários, começou a vaiar e soltar toda sorte de xingamentos. Muitos, porém, aplaudiram. Waters repetiu o protesto nos shows seguintes. Em Brasília, a frase "nem fodendo" foi exibida no telão.

Seria uma decepção para qualquer fã de verdade de Pink Floyd se Waters viesse ao Brasil no atual momento e não se manifestasse contra Bolsonaro. Em outro momento, ele chegou inclusive a se posicionar a favor do "Fora Temer". Ele perdeu o avô na Primeira Guerra Mundial e o pai na Segunda. Sim, ele sabe muito bem sobre o que está falando.

Pink Floyd nasceu em 1965 e é ainda hoje uma das maiores expressões do rock progressivo, representado principalmente pelos Beatles em sua fase psicodélica. Desde o início, o Pink Floyd é uma das bandas mais politizadas de toda a história do rock.

A crítica ao autoritarismo já estava presente de forma contundente contra o stalinismo no disco Animals (1977), inspirado em A Revolução dos Bichos, livro de George Orwell. As faixas "Pigs (Three Different Ones)", "Dogs" e "Sheep" representam os políticos corruptos e moralistas (porcos), as forças de repressão (cachorros) e uma massa que não pensa por si própria (ovelhas).

The Wall (1979) é uma ópera rock sobre alienação e solidão, representada por um muro que divide artista e público. *"Another brick in the wall"* (parte 2), a faixa mais conhecida do disco, representa bem uma das características do atual momento que vivemos: *"Nós não precisamos de nenhuma educação / Nós não precisamos de nenhuma lavagem cerebral"*.

Quem vaia Waters nunca entendeu a banda e suas canções. Mas ainda é tempo. Talvez assim se entenda a necessidade de lutar pelos mais elementares direitos democráticos contra a ameaça autoritária que paira sob o país representada pelo facínora Bolsonaro.

SALVE MANGUEIRA

“Eu quero um Brasil que não está no retrato”

O samba-enredo da escola de samba Estação Primeira de Mangueira, em 2019, vai homenagear Marielle Franco, vereadora do Rio de Janeiro assassinada a tiros com o motorista Anderson Gomes, no dia 14 de março de 2018. A principal suspeita é de que o crime tenha sido político e realizado por milicianos.

A letra é um profundo protesto contra toda a situação social brasileira e uma crítica formidável à nossa história oficial. Há décadas não aparecia um samba com características de se tornar antológico. É uma obra-prima que parece que vai ficar na história dos sambas-enredos inesquecíveis. A escolha foi feita no dia 14 de outubro na quadra da escola.

O samba “Eu quero um Brasil que não está no retrato” é de autoria de Deivid Domênico, Tomaz Miranda, Mama, Marcio Bola, Ronie Oliveira e Danilo Firmino. No refrão, o nome da vereadora é citado: “Brasil, chegou a vez de ouvir as Marias, Mahins, Marielles, Malês.”

A Mangueira levará para a Sapucaí o enredo “História pra ninar gente grande”, de autoria do carnavalesco Leandro Vieira. Vale a pena conferir a letra:

Gravação do clipe do samna-enredo de 2019 da Mangueira.

“Brasil, meu nego deixa eu te contar;
A história que a história não conta;
O avesso do mesmo lugar;
Na luta é que a gente se encontra.
Brasil, meu dengo a Mangueira chegou;
Com versos que o livro apagou;
Desde 1500, tem mais invasão do que descobrimento.
Tem sangue retinto, pisado;
Atrás do herói emoldurado.
Mulheres, tamoios, mulatos;
Eu quero o país que não tá no retrato.
Brasil, o teu nome é Dandara;
Tua cara é de Cariri;
Não veio do céu nem das mãos de Isabel;
A liberdade é um Dragão no mar de Aracati;
Salve os caboclos de Julho;
Quem foi de aço nos anos de chumbo;
Brasil chegou a vez de ouvir as Marias, Mahins, Marielles e Malês.
Mangueira, tira a poeira dos porões;
Ô, abre alas;
Pros seus heróis de barracões;
Dos Brasis que se faz um país de Lecis, Jamelões.
São verde e rosa as multidões”

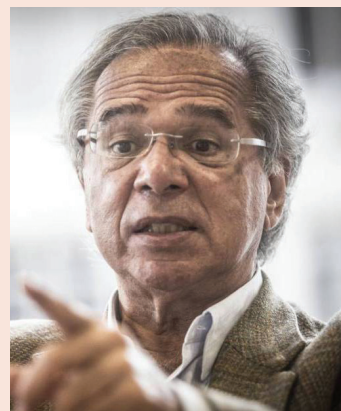
Armar fazendeiros e desarmar IBAMA

Jair Bolsonaro fez da liberação do porte de armas uma de suas plataformas eleitorais. No entanto, em 2013, ele apresentou um projeto de lei para retaliar o Ibama depois de ter sido multado por fiscais por pesca irregular em Angra dos Reis (RJ), quando ainda era do PP, partido de Paulo Maluf. O projeto queria tirar as armas de todos os fiscais do órgão em ações de campo depois que ele foi multado em R$ 10 mil pelo Ibama em janeiro de 2012 por estar pescando numa estação ecológica por lei.

O projeto de Bolsonaro queria que os fiscais ficassem expostos à violência de pessoas que estão infringindo leis ambientais. Em grandes áreas de desmatamento, como no sul do Pará, o armamento dos fiscais é fundamental para garantir seu trabalho, uma vez que eles ficam à mercê das ameaças de jagunços e fazendeiros.

O episódio mostra muito bem quem de fato Bolsonaro pretende armar: as milícias de fazendeiros e madeireiros para que eles possam invadir terras indígenas e reservas ecológicas.

FEZ ESCOLA

Paulo Guedes e a ditadura Pinochet

Paulo Guedes, o guru da economia de Bolsonaro e cotado para assumir um eventual governo do capitão, foi professor da Universidade do Chile nos anos da ditadura de Augusto Pinochet. Na época, recebia um salário de US$ 10 mil mensais, mais passagens pagas para o Brasil uma vez por ano. A ditadura Pinochet estava a todo vapor, e a universidade vivia sob intervenção militar. Economistas neoliberais – daqueles que defendem privatizar tudo e que o Estado deve ser mínimo, mínimo aos direitos sociais, é claro – haviam sido convidados pelo regime a implementar uma política econômica liberal no país.

Foi lá que Paulo Guedes aprendeu que neoliberalismo econômico e ditadura é uma combinação mais do que possível. O país entregou todas as suas empresas às multinacionais. A Previdência pública foi privatizada, assim como a maioria das universidades. O resultado é que o Chile é umas das nações mais desiguais do mundo. Esse é o modelo chileno apregoado por Guedes.

MENSAGEM ESPECIAL DA VERA

Um convite especial: venha para o PSTU

Meus companheiros e minhas companheiras,

Já agradeci de coração os votos que recebi, assim como todos que foram dados ao PSTU. Valorizo muito cada um deles, principalmente neste momento de grande polarização social que estamos vivendo, porque significam uma opção socialista e revolucionária. Um voto pela rebelião.

Agora eu quero me dirigir a todos os que nos ajudaram nessa caminhada, aos que participaram dos atos e reuniões que fizemos, aos que divulgaram nossos materiais, fizeram campanha pelas redes sociais ou nos ajudaram de alguma forma.

Acho que todos nós estamos orgulhosos da campanha do PSTU, não é verdade? Denunciamos que todas as opções capitalistas arrastaram o Brasil para a miséria e o caos. Dissemos que as eleições não iam resolver os problemas da classe trabalhadora. Defendemos a necessidade de uma rebelião, uma verdadeira revolução socialista que varresse os políticos corruptos, os empresários exploradores e esse sistema podre que está aí.

Divulgamos um programa com medidas para resolver de verdade os principais problemas da classe trabalhadora: desemprego, salários de fome, falta de investimento na saúde, educação, moradia, transporte e segurança. Explicamos que seria necessário reduzir a jornada de trabalho sem reduzir salários, expropriar sem indenização as 100 maiores empresas do Brasil e suspender o pagamento da dívida pública para ter dinheiro para investir nas necessidades básicas dos trabalhadores e do povo pobre desse país.

Também participamos dos atos do #EleNão, lutando contra a ameaça autoritária e repressiva que a candidatura de Bolsonaro representa. Coerentes com essa posição, no segundo turno, chamamos o voto no 13 contra a ameaça Bolsonaro, apesar de não apoiarmos nem por um minuto o PT e declarar que seremos oposição ao governo de Haddad se for eleito.

É PRECISO SE ORGANIZAR PARA LUTAR

A participação nas eleições não é a principal ação de um partido revolucionário. Muito menos nesse momento de grande polarização na sociedade, que antecipa fortes embates na luta de classes.

O projeto de Bolsonaro, caso ganhe as eleições, é atacar violentamente os direitos dos trabalhadores e dos setores oprimidos, assim como as liberdades democráticas. Infelizmente, um grande setor da classe trabalhadora vai votar nele. Esses milhões de trabalhadores estão indignados, com razão, com a traição e a corrupção do PT. Mas também estão sendo enganados pela propaganda de Bolsonaro, que diz que vai fazer um governo forte que garanta segurança e ficha limpa para acabar com a corrupção.

Em nossa opinião, quando os ataques vierem, vai haver uma forte reação. A classe trabalhadora não está derrotada. Temos de começar a organizar essas futuras lutas desde já. Qualquer atitude passiva ou de simples lamento diante dos ataques ou retrocessos só espalham a desmoralização e o medo. É preciso reagir e LUTAR.

PARA VENCER, PRECISAMOS DE UMA DIREÇÃO REVOLUCIONÁRIA

Não estamos falando de uma reação espontânea, mas de uma luta forte e organizada que tenha possibilidades reais de vencer. Isso exige uma direção. Não qualquer direção: o PT e as centrais sindicais provaram que uma direção traidora pode levar todas as lutas à derrota.

O que precisamos, portanto, é de uma direção revolucionária, dedicada à classe trabalhadora, que não se deixe corromper, que não faça alianças com a burguesia e que defenda a fundo o programa da revolução socialista. Essa direção só pode ser um partido revolucionário. É esse partido de luta, democrático e internacionalista que o PSTU luta para construir.

> "Vocês sabem que o PSTU não oferece nem cargos nem privilégios. Só podemos oferecer uma bandeira sem as manchas da traição e a perspectiva de uma de uma luta permanente pela revolução socialista."

Precisamos de todos vocês para construir essa ferramenta para a nossa classe. Queremos convidar os jovens companheiros e companheiras que nunca participaram de um partido a entrar no PSTU e se juntar a nós nessa batalha para construir essa direção revolucionária. É hora de dar um passo à frente e tomar essa decisão.

Também queremos convidar os companheiros que tiveram anos e até décadas de experiência de militância no PSTU ou em outros partidos e que se afastaram da militância organizada por diversos motivos, mas que estiveram ao nosso lado nessa campanha. Os tempos atuais exigem um esforço especial para construir essa direção.

A todos eu quero dizer, especialmente nesse momento crítico, que a classe trabalhadora, a revolução e o partido precisam de vocês. Vocês sabem que o PSTU não oferece nem cargos nem privilégios. Só podemos oferecer uma bandeira sem as manchas da traição e a perspectiva de uma de uma luta permanente pela revolução socialista que liberte a classe operária e a humanidade da exploração e da opressão. Tenho certeza que todos nós achamos que essa luta vale a pena.